

# LUTA COMUNISTA



órgão do C.a.r.p.(m-l)

comité de apoio à reconstrução do partido (marxista-leninista)

## SUMÁRIO

A base social do revisionismo .....	Pg. 2
Liquidemos o fascismo! Continuemos a ofensiva popular do 28 de Setembro! (manifesto do C. C.) .....	3
O que está na ordem do dia: o Partido ou a Revolução? ...	6
As ideias de Lenine sobre a democracia burguesa .....	10
A luta pela reconstrução do Partido tem dez anos .....	13
Pôr de pé o contra-ataque operário à ofensiva patronal ....	18
A greve é justa? (Temas para debate) .....	19
Na imprensa comunista internacional .....	21
República Popular da China: 25 anos de triunfo constante da linha proletária sobre a linha burguesa .....	24

Outubro 1974

Nº 2

2\$50

ABM

## A BASE SOCIAL DO REVISIONISMO

Nota da redacção — Nas teses da Conferência de Julho fala-se na 'semi-burguesia', dizendo-a constituída pela aristocracia operária, quadros, técnicos e intelectuais, e afirma-se que é ela a base social do revisionismo.

Durante a discussão das teses, levantou-se em várias células a questão de saber se é justa esta designação de 'semi-burguesia'. Enquanto não nos é possível publicar uma análise das classes em Portugal para lançar a discussão sobre o assunto (o que esperamos poder fazer brevemente), recolhemos algumas citações de Lenine que nos parece esclarecerem este ponto: o revisionismo não exprime os interesses da pequena burguesia radical, como por aí se diz e se escreve a cada passo; o revisionismo é a política duma camada privilegiada que se vendeu ao grande capital e ao imperialismo. Como diz Lenine no 'Imperialismo', se não se compreender a origem económica deste fenómeno, se não se medir o seu alcance político e social, é impossível avançar um passo que seja na realização das tarefas práticas do movimento comunista e da revolução social que se aproxima.

'A situação monopolista deste país (Inglaterra) deu origem ao nascimento duma 'aristocracia operária' oportunista, semi-pequeno-burguesa, saída da 'massa'. Os chefes dessa aristocracia operária passavam-se constantemente para o campo da burguesia, que os sustentava de maneira directa ou indirecta. Marx ganhou o honroso ódio destes canalhas por os ter apontado publicamente como traidores'. (1).

'A época imperialista não pode tolerar que coexistam no mesmo partido a vanguarda do proletariado e a aristocracia semi-pequeno-burguesa da classe operária, que goza os sobejos dos privilégios que a situação de grande potência proporciona à 'sua' nação'. (2).

'Algumas migalhas dos grossos lucros realizados pela burguesia podem caber a uma pequena minoria: burocracia operária, aristocracia operária e companheiros de caminho pequeno burgueses. A base de classes do social-chauvinismo e do oportunismo é a mesma: é a aliança duma estreita camada de operários privilegiados com a 'sua' burguesia nacional contra a massa da classe operária, a aliança dos lacaios da burguesia com esta última contra a classe que ela explora'. (3)

'O carácter relativamente pacífico do período 1871-1914 alimentou o oportunismo; simples estado de espírito a princípio, transformado depois em tendência e por fim em grupo ou camada, compreendendo a burocracia operária e os companheiros de caminho pequeno-burgueses. Estes elementos só podiam sujeitar a si o movimento operário desde que reconhecessem em palavras os objectivos revolucionários e a táctica revolucionária'. (3)

'Assim como a burguesia não morrerá enquanto não tiver sido derrubada, também a corrente que ela alimenta e apoia, e que exprime os interesses dum pequeno grupo de intelectuais e da aristocracia da classe operária que se aliaram à burguesia, não morrerá se não o 'matarmos', quer dizer, se não o derrubarmos, se não anularmos por completo a sua influência sobre o proletariado socialista.' (4).

(1) "O esquerdismo, doença infantil do comunismo", 1920.

(2) "A falência da 2a. Internacional", 1915.

(3) "O oportunismo e a falência da 2a. Internacional", 1916.

(4) "A voz dum socialista francês honesto", 1915.



# LIQUIDEMOS O FASCISMO !

## Continuemos a ofensiva popular

### do 28 de Setembro

CAMARADAS OPERÁRIOS, SOLDADOS E CAMPONESES!

Após a grande vitória popular de 28 de Setembro sobre o fascismo, temos que tirar lições dos acontecimentos para decidir o nosso caminho.

Temos forças para vencer

As jornadas de 26-28 de Setembro mostram que a classe operária e o povo têm energias inesgotáveis, que são capazes de encontrar a resposta para cada investida dos fascistas.

Quando grande parte da burguesia conspirava e a pequena burguesia se encolhia apavorada, milhares de trabalhadores saíram à rua e criaram as condições políticas para que o MFA passasse por sua vez à acção contra os conspiradores. Em dois dias de ofensiva resoluto, os operários e soldados desmantelaram a teia que a aranha fascista tecera em cinco meses. Foi esta onda irresistível da unidade combativa popular que acabou por submergir a linha de contemporização dos dirigentes reformistas do PCP, MDP e Intersindical e os forçou a fazer o contrário daquilo que vinham pregando.

Os acontecimentos de 28 de Setembro mostram que, se a força do inimigo é grande, não nos deve apavorar, porque a nossa força é maior.

O inimigo continua vivo

Mas o inimigo não morreu. Embandeirar em arco e dizer que a reacção foi esmagada 'de vez' e adormecer o povo para o próximo assalto que, não duvidemos, começou já a ser preparado e será mais feroz do que o primeiro. O inimigo continua a dispor de rios de dinheiro, de arsenais, de apoios fiéis no aparelho de estado e nas forças armadas.

A reacção está viva porque os banqueiros, industriais, colonialistas e latifundiários continuam de posse do capital, porque os imperialistas e a CIA estão cá dentro. E o grande capital, a braços com a crise da perda das colónias, oscila entre jogar a cartada 'democrática' ou entrar a esbravejar-se de novo no fascismo.

'Partir os dentes à reacção' ou 'apapar-lhe as unhas', como pedem os cunhalistas e soaristas, é um jogo suicida. A questão é esta: ou avançamos para aniquilar o fascismo, ou ele acabará por nos escravizar. O povo não se deve iludir: temos pela frente um combate de vida ou de morte que ainda agora começou.

'Uma revolução sem tiros?'

Foi a iniciativa popular que fez avançar a ala antifascista do MFA para posições mais radicais, foi ela que atraíu as forças vacilantes para o lado da democracia, foi ainda ela que anulou a contemporização reformista. Mas é preciso não esquecer que o povo continua na dependência das armas que estão nas mãos do MFA e este jamais poderá ser consequentemente revolucionário. Em 28 de Setembro, as massas estiveram prestes a ser massacradas porque estavam de mãos nuas. E hoje continuam de mãos nuas.

A maior preocupação de todos os políticos burgueses (governo, Junta, MFA, Cunhal, Soares, etc.) é desviar os trabalhadores da violência revolucionária. Quando Cunhal exalta o 'bloco POVO-MFA', quando Vasco Gonçalves canta loas à 'revolução sem tiros' — é para desviarem os trabalhadores da acção revolucionária contra os fascistas.



que no entanto é o único meio de exterminar o inimigo. E quanto a tiros, podemos perguntar: e os tiros da Pide no 25 de Abril? E os tiros de Luanda e Lourenço Marques? E os tiros do Rossio? Ou será que o sangue popular não conta?

Os governantes exigem ao povo que se mantenha pacífico mas consentem o terrorismo dos fascistas, permitem-lhes armar-se e organizar-se. Há que tirar lições disto para o futuro.

### O cunhalismo é o ópio do povo

Porque chegaram os fascistas tão longe? Porque ao longo de cinco meses os partidos do governo seguiram uma política de conciliação com a direita e de repressão e desmobilização da esquerda.

Atribuir a avançada fascista à 'despolitização' do povo, como faz o primeiro-ministro, é virar as coisas do avesso para fugir às responsabilidades. O povo via a reacção levantar cabeça de dia para dia e lutou para a travar. Foram os partidos do governo que aconselharam o recuo permanente, que deram rédea solta aos fascistas, que caluniaram e reprimiram as greves, as manifestações e a imprensa operária.

As maiores responsabilidades cabem ao partido revisionista de Álvaro Cunhal, que aproveitou a sua fama de 'comunista' e a influência que ela lhe proporciona, para sabotar todas as acções e lutas populares e para pregar a passividade e a confiança incondicional na Junta, no governo e no MFA. Sempre ansiosos por não enfiar a reacção, sempre aterrorizados com a revolução, conduziram-nos à beira do desastre. Só no último instante, empurrados pela iniciativa das massas, se decidiram a agir e a apelar à resistência. Se a reacção estivesse melhor organizada, teria sido tarde de mais.

Os acontecimentos mostram que, se o povo não se puser em guarda contra o veneno cunhalista, perderá a confiança na vitória, cairá na vacilação e na cedência e acabará por ser esmagado.

### Nasce a vanguarda operária

Nas lutas dos últimos meses tem vindo a forjar-se a vanguarda operária de que o nosso povo precisa: na histórica manifestação dos camaradas da LISNAVE, na greve da TAP e tantas outras, nas manifestações antifascistas e anticolonialistas de Julho e Agosto, nos comités antifascistas de operários e soldados, nas reuniões e comícios, na imprensa revolucionária, no grande movimento de 26-28 de Setembro e nas manifestações que se seguiram.

As organizações marxistas-leninistas, embora ainda fracas e dispersas, têm sido o catalizador da vanguarda. Com a sua linha justa, o seu apego à luta, a sua denúncia da traição revisionista, a sua crescente capacidade de mobilização operária, começam a impor-se como uma real força política.

As jornadas de Agosto e Setembro amadureceram as condições para que a vanguarda operária tome corpo no Partido Comunista reconstruído, um verdadeiro partido revolucionário guiado pelo marxismo-leninismo. Mas, à medida que nos encaminhamos para esse objectivo, intensifica-se a campanha junto da vanguarda operária para que rejeite as 'cúpulas partidárias', a favor das comissões operárias independentes, adulando a iniciativa das 'bases' — como se a classe operária pudesse vir a ser uma força revolucionária sólida e ter um plano de batalha coerente, sem se organizar no seu partido de classe!

Neste momento, os esforços de todos os operários revolucionários devem concentrar-se na reconstrução do seu Partido Comunista. É disso que depende o futuro.

### Como fazer os reaccionários sair da toca

O 28 de Setembro trouxe uma pesada derrota para os fascistas, elevou a combatividade popular, atraiu para a linha revolucionária novas massas operárias; mas simultaneamente, devido à falta de organização revolucionária, permitiu que os falsos comunistas



e os falsos democratas reforçassem o seu prestígio junto das grandes massas menos conscientes, fazendo-se passar por obreiros da vitória e salvadores do povo. Neste momento, agitando o espantinho ou apoio incondicional ao governo e MFA, ou o retorno do fascismo", todo o campo burguês tenta paralisar a luta das massas e começa a reprimir as forças revolucionárias, apontando-as como "extremistas inimigos da democracia".

Devemos lembrar aos trabalhadores que, depois dos traidores Spínola e Galvão de Melo, outros inimigos continuam a fazer-se passar por democratas para na primeira ocasião apunhalarem a democracia pelas costas. Muitos dos que batem palmas ao 28 de Setembro pensam já na maneira de o destruir.

Como desmascarar esses falsos amigos do povo? Pela acção! É na luta dos operários, camponeses e soldados pelos seus direitos, contra tudo o que é reaccionário, que forcemos os inimigos disfarçados a sair da toca e a mostrar o focinho de reaccionários. E nessa altura será fácil isolá-los e aniquilá-los.

Se os trabalhadores revolucionários se mantiveram firmes nas primeiras linhas da luta de massas, se não deixaram adormecer a grande mobilização popular conseguida nas últimas semanas, se tiveram o cuidado de não radicalizar precipitadamente as suas palavras de ordem, ajudarão as massas a libertar-se de ilusões e a avançar no combate contra os lacaios da burguesia e do imperialismo.

## AS 5 FRENTE DE LUTA

Tirar proveito da vitória de 28 de Setembro é atacar os reaccionários em toda a linha e arrancar novas conquistas democráticas para o povo. As nossas palavras de ordem de luta são:

**ACABEMOS COM A PRAGA FASCISTA!** Spínola e Galvão de Melo para a cadeia! Julgamento popular para os criminosos! Nem mais um fascista para a rua! Acabar de vez com os partidos e jornais fascistas! Dissolução da GNR! Formemos centenas de comités de vigilância anti-fascista (VAFs) para organizar a luta!

**INDEPENDÊNCIA PARA ANGOLA!** Acabar com o terrorismo fascista-racista sobre o povo angolano! Abertura imediata de negociações reconhecendo o direito de independência! Fim do apoio aos partidos fantoches! Formemos novos comités de luta anti-colonial!

**FORA A LEI ANTI-GREVE!** Fora com o fascismo dentro das fábricas! Levar avante o saneamento dos chefes e bufos! Não consintamos que o patronato volte a roubar-nos o que conquistamos! Fora com os chefes reformistas da Intersindical! Vitalizar e democratizar as comissões de delegados sindicais e os comités operários, apoiados em assembleias de fábrica!

**ASSEGUREMOS A LIBERDADE POLITICA!** Libertação imediata dos revolucionários e anti-fascistas presos! Liberdades democráticas nos quartéis! Fim à repressão sobre a imprensa popular! Revogação dos entraves legais ao direito de reunião, de manifestação e associação!

**A TERRA PARA OS QUE A TRABALHAM!** Expropriemos os latifundiários! Direitos sindicais para os camponeses trabalhadores!

**VIVA A LUTA UNIDA DOS OPERÁRIOS, SOLDADOS E CAMPONESES  
PELA PAZ, PELO PÃO, PELA TERRA, PELA LIBERDADE,  
PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL!**

8 de Outubro de 1974

O Comité Central  
do C.A.R.P. (m-1)



# O que está na ordem do dia: O PARTIDO OU A REVOLUÇÃO ?

'A Revolução está na ordem do dia', começou o MRPP a dizer, após o 25 de Abril, papagueando a conclusão a que Lenine chegara nas vésperas da Revolução de Outubro.

Será esta mais uma dessas belas frases com que este grupo gosta de encher a boca? Sem deixarmos de reconhecer a necessidade que há em mostrar a natureza trotskista e anarquizante do conjunto das posições do MRPP (e a isso temos de dedicar alguns dos nossos trabalhos) a verdade é que não nos temos preocupado em responder à maioria das suas afirmações, de tão descabeladas e ocas que são. Declarar hoje que a 'Revolução está na ordem do dia' também nos surge como uma dessas frases sem sentido; não nos parece no entanto que fosse correcto neste caso proceder da mesma maneira:

— em primeiro lugar, porque saber se a Revolução está ou não na ordem do dia é uma daquelas questões de que todos os revolucionários precisam de estar certos; para um comunista, que tem por objectivo central fazer a revolução, seria demasiado grave não se aperceber de quando é chegado o momento da Revolução!

— Em segundo lugar, porque nos apercebemos que para muitos camaradas esta questão não se põe do mesmo modo que para nós; concretamente, não é para nós muito diferente desta posição do MRPP a posição dos camaradas que aparecem já hoje a propagandear a ideia do 'poder aos operários' em termos de palavra de ordem concreta e imediata,

— Em terceiro lugar, porque responder a esta questão nos ajuda a ver o que está então na ordem do dia e, portanto, a ver qual é afinal, a tarefa central dos comunistas na hora actual; em cada momento há uma tarefa central e não é possível avançar na via da revolução sem se saber qual é ela!

Para nós, a revolução não está na ordem do dia: estas três ordens de razões exigem que expliquemos porquê.

## 1. As condições gerais da revolução

É costume dizer-se que para os comunistas a revolução está sempre na ordem do dia. Mas isto só é verdade dentro duma perspectiva histórica, a longo termo, e nesse sentido tem tanto valor como dizer que o socialismo ou mesmo o comunismo estão na ordem do dia. Hoje, como ontem ou daqui a dez anos, os comunistas trabalham para a revolução, trabalham para o triunfo da classe operária, para conduzir 'os operários ao poder' mas isso visto como objectivo, como meta, não como tarefa prática imediata.

A experiência e os ensinamentos chineses, albaneses, coreanos, vietnamitas, mostram-nos que a revolução (a passagem violenta do poder duma classe para outra) se pode fazer por um processo lento e prolongado de alastramento progressivo das zonas de poder: mais de 20 anos se passaram, com efeito, desde a fundação dos primeiros sovietes de camponeses nas regiões mais remotas da província de Hunan até à extensão do poder popular a toda a China... Quer dizer, 20 anos durante os quais os comunistas chineses puderam dizer que a revolução estava na ordem do dia. Mas nem na China ou no Vietname a revolução esteve sempre na ordem do dia.

Não haja dúvidas:

O início da revolução, do acto de tomada de poder, seja nas regiões remotas da China em 1927, seja no conjunto de toda a Rússia em 1917, obedeceu ao preenchimento prévio de condições pré-insurreccionais e é isso que esquecem os que se deixam encantar pelas frases de Lenine sem terem compreendido o seu conteúdo concreto. É a história que o prova.

Lenine, combatendo os receios dos hesitantes que no Partido Bolchevista fugiam a reconhecer a necessidade da insurreição, não se limitou a repetir as frases de Marx; como marxista que era, analisou a situação da Rússia e concluiu que a insurreição se colocava na ordem do dia.



porque se achavam reunidas certas condições básicas. Mostrou ele que eram três essas condições:

1º) Poder a insurreição apoiar-se 'no conjunto da classe de vanguarda e não apenas no Partido', na parte da classe organizada no Partido;

2º) Assentar a insurreição 'no entusiasmo revolucionário do povo';

3º) Surgir a insurreição 'no momento em que é mais forte a actividade da vanguarda do povo e mais fortes as hesitações, a divisão nas fileiras do inimigo'.

Mais tarde, num texto muito conhecido, escreveu Lenine:

*A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções, e em particular pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem transformações; para a revolução é necessário que os exploradores não possam continuar a viver e a governar como antes. É só quando 'os de baixo' não querem e 'os de cima' não podem continuar a viver à antiga, é só então que pode triunfar a revolução. Por outras palavras, esta verdade exprime-se assim: a revolução é impossível sem que haja uma crise nacional geral (que afecte explorados e exploradores). Portanto, para fazer a revolução é preciso conseguir primeiro que a maioria dos operários (ou em todo o caso a maioria dos operários conscientes, reflectidos, politicamente activos) compreenda profundamente a necessidade da revolução e esteja disposta a sacrificar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes atravessam uma crise governamental que arraste para a política até mesmo as massas mais atrasadas (...), que reduza o governo à impotência e torne possível o seu rápido derrubamento pelos revolucionários'. 'Esquerdismo, doença infantil do comunismo'.*

Mao Tsé Tung, opondo-se aos que queriam aplicar à China o esquema bolchevista de insurreição seguido na Rússia, veio a mostrar na prática que podia inici-

ar-se a revolução desde que se reunissem em certas regiões afastadas da China condições semelhantes às que se haviam reunido em 1917 no conjunto de toda a Rússia.

Uma análise da situação da China em 1927 pode mostrar-nos com efeito que:

— o Partido possuía então uma forte implantação, tanto na classe operária como nos camponeses dessas regiões;

— os camponeses dessas regiões lançavam-se com a decisão que dá o desespero da fome contra os seus senhores;

— o poder central não só se achava a braços com grandes dificuldades internas, como possuía uma tão pequena autoridade nessas regiões e uma tão pequena capacidade para deslocar forças para elas que, pode dizer-se, era ali mais fraco do que as forças da revolução.

O que se passou de 1927 a 1949 prova a justeza de se ter aproveitado este amadurecimento local das condições insurreccionais para se iniciar a revolução.

## 2. Em Portugal não estão ainda reunidas as condições para a revolução

E em Portugal? Podemos nós dizer que se encontram reunidas estas condições decisivas para o desencadeamento da insurreição, da revolução?

Concretamente e para começar, estarão hoje os comunistas portugueses em condições de desencadear a insurreição apoiados na classe operária, conduzindo a classe operária? Vemos, pelo contrário, que a classe de vanguarda se acha ainda na sua maioria esmagadora sem consciência do que representa para si a revolução proletária. A grande massa dos operários está a ganhar consciência da sua força, mas não vai ainda além duma perspectiva sindical, da compreensão da necessidade de se organizar em sindicatos, de se organizar para a luta reivindicativa; está longe ainda, bastante longe mesmo, da ideia de Partido. A massa dos operários atraída pela política e principalmente por uma política de Partido é ainda minoritária; e dessa só uma pequena parcela, para mais profundamente dividida, aderiu ao marxismo-leninismo.

E o povo? Estará ele encarniçado contra a burguesia, disposto a vencer ou a



morrer, animado de verdadeiro entusiasmo revolucionário? Basta sair das análises de gabinete ou do círculo estreito do seu grupo, estar-se atento ao que se diz nas ruas, nos quartéis, nos campos e nas fábricas, para se perceber que não existe, nem ao de leve, tal determinação. A chantagem dos revisionistas e das forças armadas com a possibilidade dum regresso do fascismo e a longa tradição de propaganda reformista espalhada no seio das massas, faz com que, pelo contrário, domine a tendência para o compromisso e a conciliação. Os nossos revisionistas não teriam tido o sucesso que apesar de tudo tiveram no travar e no sabotar das lutas e da unidade popular se houvesse esse clima de entusiasmo revolucionário; disso não haja dúvidas.

E estará a burguesia fraca, de rastos, frente ao movimento operário? Não é essa a ideia que temos. O 25 de Abril surgiu como uma tentativa de resolução da grave crise que a burguesia portuguesa vinha acumulando, em especial nos últimos anos da guerra colonial. Surgiu para resolver mas as primeiras consequências foram outras: desorganizou-se o aparelho de estado, enfraquecendo-se a sua capacidade repressiva, entrou-se num período de grande confusão e instabilidade, em que fracções da burguesia lutam entre si com um vigor crescente em busca duma saída para a sua crise, crise que se agrava à medida que os povos das colónias conquistam a independência... Tudo isto é verdade, mas poderá dizer-se que perdeu o controle da situação, que já perdeu a iniciativa a favor do povo? Está bem claro que não. Numa série de aspectos, a burguesia, enquanto classe tomada num todo, pode-se dizer que até melhorou a sua situação:

- reforçou-se largamente a sua posição internacional;

- perdeu em organização e em poder económico, mas ganhou em base de apoio, ao ponto de a sua demagogia ser bem sucedida junto de muitos dos que explora;

- mostra-se dividida, cada vez mais dividida, mas a sua divisão não surge num processo de recuo geral face à ofensiva dos trabalhadores (como até certo ponto sucedeu durante os primeiros tempos que se seguiram ao 25 de Abril), mas num pro-

cesso de passagem à contra-ofensiva (já em curso).

Tudo isto salta à vista, parece-nos.

\* \* \*

Podemos na verdade dizer sem receio: em Portugal não está madura nenhuma das três condições que de forma diferente se reuniram na China e na Rússia em 1927 e 1917 respectivamente, e levaram Lenine e Mao a considerar que a revolução se colocava na ordem do dia. Em termos objectivos, podemos dizer que em Portugal, hoje, a classe operária ainda não está voltada para a revolução, ainda não chegámos à fase em que o povo já não quer e a burguesia já não pode.

Que outras condições então — tão importantes que substituam estas três — se pode dizer que existem? Não vemos nenhuma. Não será que se defende a ideia contrária porque se pensa que basta dizer aos operários o que eles deveriam querer para que o compreendam e passem a fazê-lo? Parece-nos bem que sim.

Hoje não se está a viver numa situação pré-insurreccional; esta é a realidade. A revolução tornaria impossível um novo Chile, como diz o MRPP; o problema é que a revolução não surge por decreto, obedece a condições que não se podem ignorar.

A situação não é para expectativa. Longe disso! Está a evoluir, a crescer, e até muito mais depressa do que alguns poderiam esperar: engrossa o número dos trabalhadores que, alertados pela contra-ofensiva da burguesia (subida dos preços, despedimentos, lei anti-greve, leis repressivas da informação, etc.) compreendem a burla que é para eles o novo governo e radicalizam a sua posição; os povos das colónias caminham imparáveis para a vitória (o povo da Guiné já a conquistou, o povo de Moçambique está a um passo de a conquistar também); e a tomada de consciência, a radicalização dos trabalhadores portugueses e em especial a conquista da independência dos povos das colónias não podem deixar de agravar a crise política a que a burguesia portuguesa chegou, lançando-a no isolamento, nos caos político.

Mas entretanto, repete-se, a realidade



actual não permite triunfalismos. Se os comunistas querem de facto transformar a realidade, impõe-se-lhes antes de mais, conhecer essa realidade. Só assim será possível mudar uma situação não-revolucionária numa situação revolucionária.

As frases bonitas podem fazer o encanto dos intelectuais que se embriagam com palavras; o que não substituem é a realidade... Nada têm, pois, a ver com o marxismo-leninismo-maoísmo.

### 3. É o Partido que está na ordem do dia

Cabe de resto perguntar: será que a revolução podia ter surgido na ordem do dia após ou nos meses que se seguiram ao 25 de Abril? Duvidamos muito seriamente.

Para haver revolução do proletariado não basta haver revoltas, motins, levantamentos e muito menos greves reivindicativas... O movimento operário só se torna verdadeiramente revolucionário quando fundido com a teoria revolucionária; outro significado não tem a tese segundo a qual 'não há movimento revolucionário do proletariado sem teoria revolucionária do proletariado'. Toda a experiência histórica mundial nos prova que assim é; URSS, Albânia, China, Vietname, etc. Ora, como, onde é que o movimento operário se funde com a teoria revolucionária? Através do Partido, no Partido... Não há que fugir a isto: o proletariado só pode cumprir as suas tarefas históricas revolucionárias se a sua vanguarda estiver organizada num Partido forte, temperado na luta política e revolucionária.

E onde estava o Partido no dia 25 de Abril? Onde está ele hoje? O proletariado

português conta já com uma vanguarda consciente e combativa mas que, como se disse, é ainda reduzida e está dispersa por círculos rivais (e o que é pior, com forte peso de elementos da pequena-burguesia). Cimentar tal vanguarda, uni-la num bloco único, alargá-la, isso sim é a tarefa que se coloca na ordem do dia.

A vanguarda revolucionária do proletariado tem ainda um longo e esforçado trabalho de ligação às massas a fazer. Tem campanhas de esclarecimento a desenvolver junto às massas, tem lutas sindicais a animar e a enquadrar, tem acções políticas a desencadear e a aprofundar... Mas até essa ligação — essas campanhas, essas lutas, essas acções — têm limites relativamente estreitos enquanto essa vanguarda não se organizar no seu Estado-Maior, enquanto o Partido não for reorganizado.

É o Partido e não a Revolução que está na ordem do dia. E o Partido, o Partido que represente de facto a classe operária, que seja 'a expressão concentrada da política do proletariado', esse ainda está longe e vai exigir um trabalho de base e de cúpula dirigido muito especialmente em dois grandes sentidos.

Trabalho de massas como único meio de ultrapassarmos as nossas próprias deficiências e erros e nos colocarmos em situação de contribuímos para o enquadramento da classe operária pelos marxistas-leninistas.

— Luta ideológica, crítica ideológica, dirigida em especial contra o espírito de seita e as concepções incorrectas de Partido que afastam as organizações m-l do conceito leninista que é 'um só partido para uma só vanguarda'.





# AS IDEIAS DE LENINE

## SOBRE A DEMOCRACIA BURGUESA

A passagem em Portugal a um regime de democracia burguesa após meio século de fascismo gerou, como era natural, uma onda enorme de ilusões. Toda a actual geração de portugueses, que nunca conhecera outra coisa senão o fascismo, viu-se lançada de chofre numa democracia que, aos olhos da maioria, parecia tomar cores muito avançadas: prendem-se ou demitem-se fascistas, proclamam-se o fim do colonialismo, anunciam-se reformas profundas para uma maior 'justiça social', reconhece-se a URSS, os 'comunistas' saltam da clandestinidade para o governo. Isto tinha que provocar uma certa vertigem e uma disposição geral de expectativa confiante no novo poder.

Neste momento, contingentes numerosos do proletariado já começaram a compreender que estamos perante uma forma nova da mesma ditadura burguesa e que as leis fundamentais do sistema não mudaram: sob a democracia, os direitos da propriedade privada e do lucro continuam a ser tão sagrados como eram sob o fascismo. A experiência das lutas, greves e manifestações instruiu já milhares e milhares de operários sobre a verdadeira natureza do estado 'democrático', da polícia 'renovada', do exército do 25 de Abril, do 'comunista' Cunhal: são todos defensores fanáticos do capital, dispostos a massacrar o povo se este tentar tocar nos privilégios da classe burguesa.

Mas não podemos pensar que esse conhecimento seja já geral. A novidade da situação que atravessamos, a demagogia desenfreada do partido revisa (e dos socialistas, que procuram não lhe ficar atrás!), as ilusões persistentes da pequena burguesia, empregados e intelectuais, na democracia como uma questão puramente política, acima das classes — tudo isto tem influência na classe operária, e faz com que as ideias erradas cheguem até mesmo às fileiras revolucionárias.

Para garantir uma sólida unidade ideológica e uma acção política firme da nossa organização é de grande importância que todos os camaradas tenham ideias claras sobre a natureza de classe da democracia burguesa. Só a partir daí poderemos encontrar uma tática acertada para a luta diária.

Esta recolha de citações de Lenine poderá ajudar as nossas células a organizar debates de esclarecimento sobre a actual situação política.

### A democracia "pura" não existe

'A "democracia pura" é uma trapaça de liberal para iludir os operários. A História conhece a democracia burguesa, que sucede ao feudalismo, e a democracia proletária, que substitui a burguesa.'(1).

'A democracia burguesa, que constitui um grande progresso histórico em comparação com o feudalismo, continua a ser — e não pode deixar de ser sob o capitalismo — estreita, amputada, falsa; hipócrita, paraíso para os ricos e burla para os explorados, para os pobres. Esta verdade,

que figura entre o mais essencial da doutrina marxista, não a compreendeu o marxista Kautsky.'(1).

'O desenvolvimento do movimento revolucionário do proletariado em todos os países fez com que a burguesia e os seus agentes nas organizações operárias façam esforços desesperados a fim de encontrar argumentos ideológicos-políticos para defender a dominação dos exploradores. Um dos argumentos a que mais se recorre é a condenação da ditadura e a defesa da democracia.(...) Antes de mais, esse argu-



mento baseia-se em conceitos de 'democracia em geral' e 'ditadura em geral', sem explicar de que classe se trata. Colocar assim o problema à margem das classes ou acima delas, colocar o problema dum ponto de vista de todo o povo - como dizem falsamente - é trocar descaradamente da teoria principal do socialismo, ou seja, da teoria da luta de classes; esses socialistas que se passaram para o lado da burguesia reconhecem-na em palavras mas esquecem-na na prática. Porque em nenhum país capitalista civilizado existe a 'democracia em geral' mas apenas a democracia burguesa; e não se trata de 'ditadura em geral' mas de ditadura da classe oprimida, quer dizer, do proletariado, sobre os opressores e exploradores, ou seja, sobre a burguesia, com o fim de vencer a resistência que os exploradores opõem à sua luta pelo poder'.(2).

'Todos os socialistas, ao explicar o carácter de classe da civilização burguesa, da democracia burguesa, do parlamentarismo burguês, exprimiram o pensamento formulado com a máxima precisão científica por Marx e Engels, quando disseram que mesmo a república burguesa mais democrática não passa de uma máquina para a opressão da classe operária pela burguesia, da massa dos trabalhadores por um punhado de capitalistas'.(2).

#### As tretas 'democráticas'

'Tudo se resume a que o Estado burguês, que exerce a ditadura da burguesia por meio da república democrática, não pode reconhecer perante o povo que serve a burguesia, não pode dizer a verdade e tem que recorrer à manha'.(1).

'No mais democrático Estado burguês, as massas oprimidas tropeçam a cada passo com a contradição flagrante entre a igualdade formal, proclamada pela 'democracia' dos capitalistas e as mil limitações e tretas reais que transformam os proletários em escravos assalariados. É esta contradição que faz ver às massas a podridão, a falsidade e a hipocrisia do capitalismo; e esta contradição que os agitadores e propagandistas do socialismo denunciam sempre perante as massas a fim de as preparar para a revolução'.(2).

'Tomai as leis fundamentais dos Estados contemporâneos, tomai a maneira como são governados, a liberdade de reunião ou de imprensa, a 'igualdade dos cidadãos perante a lei', e vereis a cada passo a hipocrisia da democracia burguesa, que tão bem conhece todo o operário honrado e consciente. Não há Estado, mesmo o mais democrático, cuja Constituição não ofereça alguma escapatória ou reserva que permita à burguesia lançar as tropas contra os operários, declarar o estado de guerra, etc, 'em caso de alteração da ordem', ou seja, no caso em que a classe explorada 'altere' a sua situação de escrava e tenté fazer algo que não seja próprio de escravos'.(1).

'Toda a história da democracia burguesa põe a nu esta ilusão: para enganar o povo, os democratas burgueses lançaram e lançam sempre todas as 'consignas' imagináveis. O problema consiste em pôr à prova a sua sinceridade, em comparar as palavras com os factos, em não se contentar com frases idealistas ou charlatanescas, mas ver a realidade de classe'.(1).

#### As ilusões dos pequenos burgueses na democracia

'Em todos os países, ao longo de séculos e decénios, manteve-se com particular persistência entre a pequena burguesia a fé na acção universal e salvadora da 'democracia' em geral e a incompreensão de que essa democracia é burguesa, de que a sua eficácia e necessidade estão historicamente limitadas.

O grande burguês atravessou não poucas provas e sabe que a república democrática, como qualquer outra forma de Estado sob o capitalismo, não passa de uma máquina para oprimir o proletariado. O grande burguês sabe isto graças ao seu conhecimento mais íntimo dos verdadeiros dirigentes e das molas mais profundas (e por isso precisamente as mais ocultas) de toda a máquina estatal burguesa.

O pequeno burguês, pela sua situação económica e por todas as condições da sua vida, é menos capaz de compreender esta verdade e conserva mesmo a ilusão de que a república democrática significa



a 'democracia pura', o 'Estado popular livre', o poder soberano do povo fora ou acima das classes, a pura expressão da vontade popular, etc. O democrata pequeno burguês está mais afastado da aguda luta de classes, da Bolsa, da 'verdadeira' política, o que origina inevitavelmente que se mantenham os seus preconceitos'.(3).

#### A democracia burguesa, regime pacífico?

'Quanto mais desenvolvida está a democracia, mais próxima se encontra do massacre ou da guerra civil em toda a divergência política que acarrete perigos para a burguesia'.(1).

'A História ensinou-nos perfeitamente que a ditadura da burguesia democrática nunca significou outra coisa que o esmagamento dos operários insurgidos. Assim tem vindo a acontecer desde 1848, pelo menos, embora possamos encontrar alguns exemplos em épocas anteriores.

A História mostra que é precisamente na democracia burguesa que se desenvolve em larga escala e livremente a luta mais acesa entre o proletariado e a burguesia'.(4).

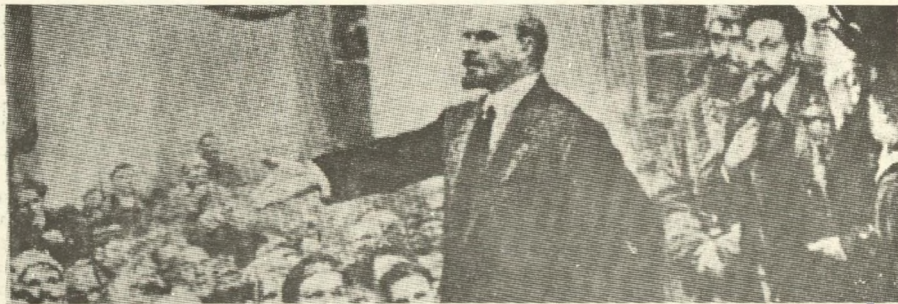
#### O Exército na democracia burguesa

'Toda a gente sabe - e o curso dos acontecimentos demonstrou-o com evidência - que o exército republicano conservava o espírito kornilovista, pois os comandos eram kornilovistas.(5) A oficialidade burguesa não podia deixar de ser kornilovista, de se inclinar para o lado do imperialismo, para a subjugação violenta do proletariado. A tática dos men-

cheviques (6) reduzia-se de facto a deixar intactas todas as bases da guerra imperialista, todas as bases da ditadura burguesa, pondo ordem em detalhes de pouca monta e remendando pequenos defeitos. ('reformas').(1).

'Sem 'desorganização' do exército nunca se deu nem pode dar-se nenhuma grande revolução. Porque o exército é o instrumento mais fossilizado em que se apoia o velho regime, o baluarte mais petrificado da disciplina burguesa e da dominação do capital, da manutenção e formação da obediência servil e da submissão dos trabalhadores perante o capital. A contra-revolução nunca pôde tolerar que ao lado do Exército existissem operários armados.'(1).

- (1) 'A revolução proletária e o renegado Kautsky', 1918.
- (2) 'Teses e informe sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado ao 1º Congresso da 'Internacional Comunista', 1919.
- (3) 'As preciosas confissões de Pitirin Sorokin', 1918.
- (4) 'Informe sobre o trabalho no campo ao 8º Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da Rússia', 1918.
- (5) partidários de Kornilov, general do exército czarista, monárquico; desde Março de 1917 adere à República e torna-se comandante da região militar de Petrogrado; em Julho-Agosto de 1917 passa a comandante-chefe do exército; em Agosto chefia uma tentativa **contra-revolucionária**, que é esmagada pelos operários e soldados conduzidos pelo partido bolchevique; após o triunfo da **revolução de Outubro**, Kornilov organiza um exército 'voluntário' de reacccionários que é destruído no sul da Rússia, sendo aí morto o seu comandante.
- (6) Partido revisionista russo; fazendo-se passar por 'marxista' sobe ao poder durante a república burguesa e torna-se o maior defensor da burguesia contra as massas revolucionárias; é derubado e destruído pela revolução de Outubro de 1917.





# A LUTA PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO TEM DEZ ANOS

Passa actualmente o 10º aniversário da fundação do Comité Marxista-Leninista Português e da 'Revolução Popular', seu órgão teórico. Assinalando esta data, as edições 'Voz do Povo' reimprimiram em volume os 6 números de 'Revolução Popular' publicados nos anos de 1964-65. É uma boa ocasião para reflectirmos sobre as lições actuais dessa iniciativa.

\* \* \*

O ano de 1964 marca o aparecimento em Portugal duma actividade comunista organizada fora do PCP; é nesse ano que militantes comunistas chegam à conclusão de que a corrente chefiada por Álvaro Cunhal se passou irremediavelmente para o lado da burguesia e que nada mais há a fazer senão separar-se dela, desmascará-la e iniciar a reconstrução do Partido comunista. Na altura, não foi uma decisão fácil nem 'popular' mas está provado que foi acertada.

Hoje em dia, Cunhal é ministro dum governo burguês, vota a lei anti-greve, calunia e ataca as massas revolucionárias, pede aos monopólios e aos imperialistas americanos que apliquem os seus capitais sem receio na exploração da classe operária, tem as mãos sujas de sangue dos povos coloniais chacinados à sombra da 'descolonização'. Hoje, a traição de Cunhal já não deixa dúvidas a nenhum operário com o mínimo de consciência de classe.

Mas há dez anos, quando Cunhal na clandestinidade apelava para o derrubamento do fascismo, eram muito poucos os que conseguiam distinguir a traição nas suas palavras. Quando muito, admitiam que houvesse certos erros nas suas posições políticas, mas não punham em dúvida que fosse um verdadeiro comunista.

Nesse caso, o que permitiu ao CMLP

adivinhar a traição por debaixo das belas palavras e proclamar aquilo que quase ninguém via?

\* \* \*

O CMLP pôde farejar a traição à distância porque se ocupou mais com a revolução e menos com as particularidades da luta imediata. Em vez de se perder no emaranhado das questões práticas como era tradição entre nós, voltou-se de caras para aquilo que realmente interessa: como é que a burguesia mantém o proletariado subjugado? como é que o proletariado conseguirá derrubar a burguesia?

Foi com estas perguntas na cabeça que o CMLP se pôs a estudar o marxismo-leninismo-maoísmo e a experiência passada do movimento operário português, dum ponto de vista vivo. Tudo foi posto em questão: como pôr a classe operária à cabeça da luta? onde estão os aliados no campo? por que tem sido derrotado o movimento antifascista? o que fizemos para apoiar os povos das colónias? Foi por aspirar à insurreição dos explorados e oprimidos que o CMLP conseguiu ver claro na confusão, perceber onde passava a linha proletária e onde passava a linha burguesa e concluir que Cunhal não era um comunista em erro mas um inimigo burguês infiltrado nas fileiras do proletariado, inimigo que devia ser desmascarado e escorraçado quanto antes.

Portanto, primeira lição: querer a revolução, recusar a colaboração de classes, estar com as massas oprimidas, odiar os opressores. Não cair nem na rotina cega das tarefas práticas que se fazem sem pensar, nem na pedantice de decorar livros e citar frases, mas perguntar a cada momento: aquilo que faço ajuda a pôr de pé o exército proletário para o assalto à burguesia? Só a partir daqui começam a



fazer sentido as tarefas práticas e o estudo da teoria. Quando isto falta, deixa-se de ser comunista, entra-se no caminho do revisionismo. Tem interesse relembrar isto hoje, porque não foram poucos os que usaram os erros do CMLP para desprezar sobreaceiramente essa vontade de luta que o fez nascer e que é afinal o ponto de partida de todo o verdadeiro revolucionário.

\*\*\*

Ao contrário do que depois se disse, o CMLP não surgiu por inspiração externa, como uma espécie de departamento de propaganda do Partido Comunista da China. Basta ler hoje a 'Revolução Popular' para verificar a falsidade dessa afirmação. Trata-se aí da luta de tendências surgida dentro do Partido Comunista Português, o que se procura são respostas aos problemas postos pela luta de classes em Portugal.

Porquê então a crítica? Porque muitos 'marxistas-leninistas' da última hora não viam com bons olhos que o CMLP aderisse incondicionalmente às posições de princípios do Partido Comunista da China e se integrasse sem reservas na corrente reorganizadora do movimento comunista internacional.

O que os críticos não compreendiam é que não se estava perante um 'conflito sino-soviético' nem perante uma 'polémica dogmática', mas perante uma luta de envergadura histórica em defesa do marxismo-leninismo e da revolução.

O Partido Comunista da China arrasou ideologicamente os revisionistas modernos ao demonstrar que eram eles que traíam os princípios marxistas-leninistas com as suas invenções do 'partido de todo o povo', do 'Estado de todo o povo', da 'passagem pacífica ao socialismo' e da 'linha geral da coexistência pacífica'. Guiado pelo pensamento do camarada Mao Tsé-tung, o Partido Comunista da China levou de novo a milhões de proletários do mundo inteiro a esperança na revolução ao proclamar a teoria imortal do marxismo-leninismo que os revisas escondiam e desnaturavam: a teoria do Partido, da ditadura do proletariado, da conquista do poder pela insurreição armada, da revolução anti-imperialista dos povos do terceiro mundo.

Essa grande lição de fidelidade aos princípios dada pelo Partido Comunista da China, o CMLP soube aprendê-la. Por isso, numa época em que a descoberta da traição dos dirigentes soviéticos pusera na moda o 'anti-dogmatismo', o CMLP não se deixou naufragar no caos da desagregação ideológica, não se deixou arrastar pela vertigem das 'inovações criadoras' e compreendeu que os Kruchov, Thorez, Cunhal e Cia. traíam a revolução, não por se agarrarem aos princípios mas precisamente porque os reviam. Por isso o CMLP não caiu na armadilha do anti-stalinismo, no pântano trotskista ou noutras correntes 'avançadas' que do marxismo-leninismo só conservaram umas frases sonoras para iludir os operários.

É bom lembrá-lo hoje, quando de todo o lado brotam novas correntes 'marxistas' a oferecer à classe operária uma 'revolução' que não precisaria de obedecer a 'teorias dogmáticas' nem a 'cúpulas partidárias'. Com uma ou outra variante, é o que prega hoje a nova 'extrema-esquerda' dos trotskistas ao MES; todos esses 'marxistas criadores' não passaram de revisionistas agitando a bandeira do anti-revisionismo.

A segunda lição é esta: estudar com afinco e seriedade a teoria científica do marxismo-leninismo; não se deixar deslumbrar pelas inovações das sumidades 'marxistas' burguesas; compreender que, privado da ciência da revolução, o proletariado fica desarmado face à burguesia e perde-se na tempestade da luta de classes.

\*\*\*

Se o C.M.L.P. pôde lançar os alicerces para o renascimento da corrente proletária revolucionária em Portugal, foi porque se consagrou a uma luta sistemática para desfazer ideologicamente o revisionismo de Cunhal.

Para combater a linha da 'revolução democrática e nacional', burla destinada a atrelar os operários ao carro da modernização capitalista, avançou a linha da revolução democrática-popular, que é a luta pelo derrubamento da burguesia, pela ditadura do proletariado.

Para combater a linha que fazia do movimento operário um movimento de rejuvina-



dicações económicas, deixando a política à burguesia liberal, avançou a linha da direcção proletária na revolução, ou seja, do proletariado ter direito à sua própria linha política.

Para combater a linha podre da 'Unidade dos portugueses honrados', que fazia dos operários criados políticos da burguesia liberal, avançou a linha da aliança operária-camponesa como alicerce da Frente anti-fascista e da revolução.

Para combater a linha do 'levantamento nacional', que põe os operários sob as ordens dos 'oficiais patriotas', ou seja, do Exército burguês, ou seja, da burguesia, avançou a linha da insurreicção popular armada contra a burguesia.

Para combater a 'luta nacional contra a guerra colonial', que era um frete ao colonialismo dos liberais, avançou a linha da luta popular contra a guerra, a denúncia do chauvinismo, o internacionalismo autêntico face às guerras de libertação nacional das colónias.

Foi lutando contra a direita que a corrente marxista-leninista tomou consciência de si própria, definiu a sua linha geral e pôde dar os primeiros passos na luta política.

Convém lembrar isto hoje porque não são poucos os agrupamentos marxistas-leninistas que ainda encaram a linha geral como uma colecção de fórmulas que devem ser veneradas e substituem o estudo diário da luta de classes e das linhas de classe em presença por excomunições, elogios e proclamações.

Não há crescimento marxista-leninista em direcção ao Partido se não se aprender a travar um combate sério, minucioso, diário, contra as linhas oportunistas de direita que constantemente se instalaram no movimento operário, nas fileiras marxistas-leninistas, dentro de cada um de nós; por cada desvio que é aniquilado, outro toma imediatamente o seu lugar e tem que ser varrido.

Terceira lição: é na luta contra a direita que a esquerda cresce e se fortalece. A direita está e estará sempre presente no interior do movimento revolucionário (muitas vezes sob cores 'esquerdistas'); quem não procura localizá-la e combatê-la, em breve está afogado nela. E combater a direita não é insultá-la nem amal-

diçô-la mas aniquilá-la dia a dia no campo ideológico, no campo político, no campo organizativo.

\* \* \*

Mas se o C.M.L.P. soube no essencial manter-se fiel aos princípios e conduzir uma luta positiva contra o revisionismo, isso não significa que não tenha caído por sua vez em desvios graves. É essencial criticar hoje esses desvios.

Pôde verificar-se nos anos posteriores que as justas posições proletárias marxistas-leninistas que constituíam o fundo da linha do C.M.L.P. levavam estreitamente entrelaçadas consigo outras ideias que nada tinham a ver com a teoria do proletariado revolucionário. A luta contra o revisionismo de Cunhal, abertamente reformista e dereitista, criou uma situação favorável para que o falso esquerdismo aventureiro da pequena burguesia se misturasse com o marxismo-leninismo e procurasse apossar-se do CMLP e pô-lo ao seu serviço.

Hoje, podemos distinguir nas linhas defendidas na 'Revolução Popular' e na actuação prática do CMLP em 1964-65 as duas manifestações principais da ideologia burguesa que se introduziram de contrabando na linha marxista-leninista, encobrindo-se atrás da crítica ao revisionismo: o abandono da linha de massas e a recusa de pôr o Partido no posto de comando.

Estas duas tendências burguesas, se não conseguiram destruir por completo os lados positivos da linha e da actividade do CMLP (a), chegaram no entanto para provocar uma gravíssima crise no CMLP em começo de 1966 e para levar posteriormente ao fraccionamento da corrente marxista-leninista entre um desvio doutrinista que julgou possível reconstruir o Partido sem se apoiar na linha de massas e um desvio espontaneísta que julgou possível aplicar a linha de massas sem a condução do Partido.

Contra o revisionismo levantaram-se em 1964 duas correntes de classe distintas: a corrente proletária revolucionária e a corrente radical burguesa. O erro do CMLP foi não se ter apercebido disso e não ter isolado o oportunismo 'de esquerda'.



Se hoje, passados já dez anos, o proletariado português se encontra ainda sem o seu partido, sérias responsabilidades devem ser pedidas à falta de vigilância ideológica do C.M.L.P. em 1964-65.

A quarta lição que nos dá a actividade do CMLP é pois: a luta contra um desvio traz sempre no ventre um outro desvio. A burguesia infiltra-se na luta contra a burguesia e procura tirar partido dela. Só uma vigilância de classe permanente permite ao proletariado revolucionário subir a escada da revolução.

\*\*\*

A crítica justa ao "economismo", ao pacifismo e ao legalismo dos cunhalistas foi aproveitada pela linha burguesa para infiltrar no CMLP o insurreccionismo, o guerrilheirismo, o desprezo pelas formas inferiores de luta e de organização, a separação mecânica entre a luta económica e a luta política, entre a vanguarda e as massas — numa palavra, o abandono da linha de Massas.

Explicou-se depois que este desvio surgira como consequência do clima combativo criado pelas lutas populares de 1961-62 e da expansão internacional do guevarismo. Mas esta explicação não pôs a nu as raízes do desvio, que eram raízes de classe.

A impaciência pelo início das acções armadas exemplares de pequenos grupos, a tese de que "a educação das massas e a união do partido, da classe e das massas num todo indissolúvel têm que ser feitas predominantemente na acção clandestina e na disputa directa do poder" ('Revolução Popular', pag. 160, sublinhado nosso); a tese de que a vanguarda do proletariado ultrapassara já, duma vez por todas, a etapa da greve económica e a etapa da greve política, e queria só e apenas a insurreição armada (Luta pacífica e luta armada) — tudo aquilo que depois ficou caracterizado como o 'fapismo', tinha uma natureza de classe muito definida: a aspiração ardente da burguesia radical a pôr o proletariado sob a sua direcção.

Foi por isso que não se conseguiu passar da denúncia das traições de Cunhal

para palavras de ordem positivas, para o trabalho político de massas: não havia nada a dizer nesse campo; foi por isso que se lançou um punhado de camaradas na preparação de acções insurreccionais quando não existia organização operária.

Pergunta-se: como foi possível que tal aberração coexistisse com as justas posições de princípios do CMLP? porque não teve o CMLP força para reconhecer este desvio e depurar-se da linha burguesa?

Porque não tinha uma implantação real na luta de classe do proletariado, porque não tinha uma base operária significativa, porque tinha um pesado lastro de estudantes nas suas fileiras. A natureza de classe burguesa dominante no CMLP empurrou para a frente uma ideologia burguesa; o sincero desejo dos seus membros de servir o proletariado, aprender o marxismo-leninismo e reconstruir o Partido não foi suficiente para vencer essa corrente de classe burguesa, que acabou por abrir caminho, distorcendo a linha proletária que dizia servir.

Esta é a quinta lição que podemos colher da experiência do CMLP: fora das massas não há marxismo-leninismo. Um partido que não esteja mergulhado nas massas e onde os operários não exerçam a direcção política, está condenado a degenerar, mais cedo ou mais tarde, num partido burguês.

\*\*\*

A outra manifestação da linha burguesa no CMLP consistiu na recusa a pôr o Partido no posto de comando. Como se verificou isto?

O CMLP nasceu com o objectivo declarado de reorganizar o Partido Comunista em Portugal e para esse fim fez um certo trabalho teórico e de propaganda. Mas isso não impediu que também aí se travasse a luta entre as duas linhas e que as tarefas 'urgentes' fossem usadas como pretexto para adiar as medidas concretas de reorganização do Partido. Aceitando 'no geral' a linha proletária marxista-leninista, a corrente burguesa não de lutar contra ela, invocando os mais variados argumentos.

Allegando que não havia comunistas



feitos, agarrando-se à esperança de que uma parte da base do PCP rompesse com os chefes revisionistas, vacilando quanto à conclusão de que o partido de Cunhal era um partido *Burguês*, o CMLP foi deslizando para a ideia de que a construção do Partido não era uma tarefa prática, imediata, e concentrou a sua atenção noutras tarefas políticas que apareciam como da máxima urgência 'para criar as condições favoráveis à reorganização do Partido': a formação duma ambiciosa Frente anti-fascista sem base real (a FAP) e a preparação de acções de guerrilha urbana. Daí que a direcção do CMLP se instalasse clandestinamente no país, sem o indispensável suporte de organização, que mergulhasse num activismo desenfreado e no aventureirismo puro em matéria política e conspirativa, dando origem às machadadas policiais de 1965-66 que puseram termo a essa fase da luta.

Porque se caíu nesses erros gritantes? Porque se rebaixava o papel do Partido, porque não se sentia que sem o Partido não se pode fazer nada, porque se acreditava na novidade da experiência cubana (a conquista do poder sem Partido...). E o que estava por detrás destas incompreensões era a resistência surda da pequena burguesia 'revolucionária' ao lugar dirigente do proletariado, que se exerce por meio do Partido.

A sexta lição que nos dá a experiência do CMLP é portanto: a posição quanto ao Partido resume tudo e decide de tu-

do. Isto continua a ser actual hoje, quando ainda vemos atribuir-se a qualidade de 'marxistas-leninistas' a elementos a quem 'só' falta aceitarem que se ponha o Partido no posto de comando. É preciso, hoje como há dez anos, estar vigilante contra os que aceitam o Partido 'em princípio' mas na prática levantam toda a espécie de obstáculos à sua construção, alegando razões de 'eficácia' Quem se opõe ao Partido opõe-se ao proletariado e à revolução.

\*\*\*

Com esta análise aos méritos e erros do CMLP não pretendemos abrir uma discussão de história nas nossas fileiras. Pretendemos que se abra em todas as células do CARP uma discussão sobre a nossa actividade prática actual, a fim de descobrirmos as manifestações da linha burguesa na nossa organização e na corrente marxista-leninista, para as conseguirmos aniquilar pela luta de ideias antes que nos causem prejuízos graves. É para esse fim que deve ser usada a experiência do CMLP.

(a) Para o MRPP o CMLP foi uma simples 'degenerescência'... (Expresso de 21 de Setembro de 1974); outros críticos igualmente trotskizantes condenam o CMLP pelo seu 'frentismo' pelo 'etapismo', e outros pecados do mesmo género. Escusado será dizer que ao criticar os desvios do CMLP não nos identificamos com estas posições alheias ao marxismo-leninismo.





# PÔR DE PÉ O CONTRA-ATAQUE OPERÁRIO À OFENSIVA PATRONAL

Está a atingir o auge a ofensiva patronal para anular as conquistas conseguidas pela classe operária no primeiro impulso após a queda da pandilha Tomás-Caetano. Essa ofensiva vem-se desdobrando em vagas sucessivas desde Julho; campanha de despedimentos, recusa a pagar os novos salários, aumento de ritmo de trabalho, reorganização das redes de bufos nas fábricas, alta galopante de preços, lei anti-greve.

Colhidos de surpresa nos primeiros momentos e forçados a recuar, os capitalistas estão agora ao ataque e não olham a meios para arrancar à classe operária tudo o que ela obteve; querem as mesmas taxas de lucro a que o fascismo os habituara ou maiores ainda. Hoje há já sectores do proletariado a viver **pio**r do que em Abril e muitos outros para lá caminham.

Muitos operários perguntam: - porque é possível esta ofensiva brutal do patronato? como fazer-lhe frente?

A ofensiva patronal é possível naturalmente porque o monopólio dos meios de produção nunca saiu das mãos da classe burguesa e porque a máquina de Estado que o defende continua a girar intacta. Nesse aspecto o 25 de Abril não mudou nada; são os capitalistas que decidem da produção, do comércio e dos preços, que despedem ou admitem operários, que mexem as influências nos ministérios para obterem leis vantajosas, que compram a fidelidade dos ministros e generais. A classe operária continua acorrentada à necessidade de vender a sua força de trabalho aos donos do capital e subjugada por um forte Estado apoiado nas armas.

Mas a classe operária está ainda acorrentada por outras cadeias que tornam mais pesada a sua desvantagem: é o partido revisa de Cunhal e a sua máquina sindical. Apesar de denunciado desde há 10 anos pelos marxistas-leninistas como um partido burguês encoberto sob frases marxistas', o partido cunhalista continu-

ava a ser considerado por largas massas como um partido anti-burguês; a sua situação de clandestinidade sob o fascismo ajudava a alimentar esse engano. Foi só após o 25 de Abril, e sobretudo a partir de Julho, que o partido de Cunhal e os chefes sindicais revisas apareceram na rua, à vista de todos, como pontas de lança da ofensiva capitalista contra as conquistas democráticas da classe operária, como sabotadores descarados das greves e manifestações operárias.

Neste momento, o proletariado não se recompôs ainda da confusão que nele causou esta descoberta e não encontrou ainda a forma de expulsar das suas fileiras os traidores; estes tiveram tempo para se organizar e para se instalar em todos os postos-chave do movimento operário e democrático e tiram proveito disso para desorganizar e paralisar a resistência operária. A actual ofensiva patronal não se poderia compreender se não fosse a colaboração que lhe é dada pelos traidores revisas.

É certo que aqui ou ali começa já a aparecer a classe operária unida e em luta contra os patrões, contra a repressão do Estado e contra os revisas; os casos da Lisnave e da TAP são muito significativos e marcam sem dúvida o começo duma nova etapa. Mas aquilo que prevalece ainda de forma esmagadora é a vantagem dos reaccionários a dividir a classe e a impor-lhe a submissão.

Isto indica que é dever dos marxistas-leninistas fazer todos os esforços para que a classe operária não saia derrotada do actual confronto com o patronato e com os revisas. Tendo o cuidado de nunca se isolar das massas, os nossos camaradas devem esforçar-se por passar ao contra-ataque e não se meterem numa atitude meramente defensiva.

Se os aumentos estão a ser reabsorvidos pela alta do custo de vida e pelas cadências de trabalho; se os contratos



colectivos não são respeitados; se os padrões se riem da lei e despedem sem justa causa; só para apavorar os trabalhadores e baixar os salários; se os chefes fascistas saneados numa fábrica reaparecem noutra; se os bufos começam outra vez a mostrar o focinho; se o governo decreta que toda a greve é ilegal por isto ou por aquilo; se a maioria dos chefes sindicais e dos delegados de fábrica são capachos da classe capitalista — isto mostra que a classe operária tem que se organizar e responder à ofensiva do patronato, do governo e dos revisas com a intensificação da luta e com o alargamento das greves. A greve é a arma de luta que se impõe para a actual situação.

A actual situação nas fábricas exige a todos os militantes marxistas-leninistas audácia revolucionária e um grande esforço de propaganda, agitação e organização:

— **propaganda** — em conversas, em reuniões, em folhetos, explicar o que se passa, combater a propaganda patronal e revisa, dar confiança e perspectivas de luta;

— **agitação** — encontrar uma acção de resposta para cada ataque patronal, materializar as reivindicações operárias em lutas;

— **organização** — promover amplas reuniões e assembleias de trabalhadores para a eleição de comissões operárias e de delegados sindicais que mereçam a confiança das massas, não as traiam e lhes prestem contas.

Todas as células operárias do CARP devem discutir a situação nas fábricas, e traçar as tarefas que lhes competem para ajudar a pôr de pé o contra-ataque operário à actual ofensiva dos reaccionários.

## A GREVE É JUSTA?

### -temas para debate

De todos os lados tem sido lançada uma enxurrada de argumentos reaccionários contra as greves. Com o fim de ajudar os camaradas nas discussões de esclarecimento a travar nas fábricas, discutimos a seguir alguns desses argumentos.

‘As greves pretendem impor reivindicações irrealistas que a economia não aguenta e podem conduzir ao caos económico’.

Todo o proletário compreende facilmente que a tática que convém à sua classe no momento em que recuperou a liberdade de palavra e de organização após meio século de canga fascista, é atacar a fundo e arrancar o máximo possível aos seus exploradores, aproveitar a conjuntura favorável para reduzir as margens de exploração capitalista.

Que os operários ponham em cara aos capitalistas os rios de dinheiro que lhes roubaram durante anos e anos à sombra da repressão fascista, que procurem tirar a desforra impondo tudo o que podem impor — isto é ser realista e não irrealista.

É uma atitude revolucionária que devemos saudar, apoiar e estimular por todos os meios.

Só os patrões e os seus lacaios é que se apavoram com isto e gritam ‘ó da guarda que a economia nacional não aguenta’. Esse é um problema deles.

Para os operários a questão é clara: ‘A nossa economia nacional operária está em caos desde que nascemos; a vossa economia nacional burguesa tem prosperado continuamente à nossa custa. Portanto, não pensem apavorar-nos com o espantoso do caos. Se amanhã a vossa economia nacional capitalista cair no caos, pois tanto melhor, será a vez da classe operária organizar uma nova sociedade sem exploradores.’

As greves criam o risco dum confronto com o MFA. Antes, favoreciam a queda do fascismo, mas agora ajudam ao regresso do fascismo. Os trabalhadores têm que pagar o preço da liberdade.’

O significado desta conversa revisa é muito claro: ‘O capital só consentirá na



democracia se ela lhe assegurar as mesmas taxas de lucro de antigamente; portanto, sujeitem-se às condições deles, senão os reaccionários enfurecem-se e retiram-nos as liberdades.. Se o proletariado desse ouvidos a esta chantagem revisa acabaria por se tornar um escravo dócil do patronato que o iria despojando de tudo, sob a ameaça do chicote fascista.

A reacção do proletariado revolucionário é outra: 'É precisamente porque não queremos o regresso do fascismo que lutamos e fazemos greve. É assim que nos unimos, que forçamos o inimigo a passar à defensiva, que preparamos maiores batalhas futuras, que obrigamos a desmascararem-se os falsos amigos'.

Quanto ao MFA, não são os operários que podem decidir o caminho que ele vai escolher. Como disseram os operários da Lisnave na sua manifestação: 'Estamos com o MFA se o MFA estiver connosco'. Esta é a resposta operária à chantagem revisa.

'Se a classe operária pôde esperar 48 anos, por que não há-de esperar agora mais uns meses que se proceda à reconstrução económica? Não se deve fazer greve por brincadeira.'

É o argumento dos pequenos burgueses, da aristocracia operária, dos empregados bem pagos. Como vivem com desafogo, acham naturalíssimo que se espere com calma. É bom de dizer para quem ganha 10 ou 15 contos; mas se experimentassem a governar-se com salários de 3 e 4 contos logo percebiam a necessidade da greve. 'Queremos aquilo que nos é preciso para comer, vestir, pagar a renda e criar os filhos' — esta é a razão dos grevistas.

A classe operária no passado nunca deixou de fazer greve, apesar de saber que ia parar à cadeia. Agora que o terror fascista caiu, por que não há-de usar o seu direito à greve sempre que necessário? Acaso os patrões não continuam a usar o seu direito de exploração? Usam-no todos os dias, não prescindem dele e toda a gente acha isso muito natural. Por-

que havemos de pensar pela lógica dos patrões e não pela lógica da classe operária? Porque não renunciarmos os capitalistas aos seus lucros e os chefes e técnicos aos seus ordenados de 20 e 30 contos? Não podem? Pois a classe operária ainda pode menos. Pedir à classe operária que aperte o cinto a bem duma 'reconstrução económica' da CUF-Champalimaud-Quina-Espírito Santo e Cia. é fazer pouco dos operários.

'As greves rebentam as pequenas e médias empresas e portanto favorecem os monopólios'.

A estupidez deste argumento, típico dos revisas, é quererem convencer o proletariado, enquanto ainda continua a ser uma classe oprimida e explorada pelo capital, a preocupar-se com os problemas da burguesia, como se isso lhe dissesse respeito.

Os operários já sabem que os monopólios são o seu pior inimigo, mas não está na sua mão impedir a marcha da acumulação capitalista própria da sociedade burguesa. Se os pequenos e médios patrões rebentam com a greve, tanto pior para eles, a classe operária não vai com certeza sujeitar-se a viver com meio salário só por amor aos pequenos e médios patrões.

'As greves podem desencadear uma agitação revolucionária que seria perigosa por não existir nenhum partido capaz de a enquadrar.'

Este argumento vem de intelectuais de 'esquerda' que, sem dar por isso, actuam como força de reserva do revisionismo. Encaram o movimento das massas exploradas com receio, como uma força destruidora que precisa de ser 'enquadrada'. Não percebem que o papel dos revolucionários nunca pode ser o de se opor ou sabotar o movimento de massas mas integrar-se nele. Não percebem que mergulhadas nas batalhas de classe as forças revolucionárias se vivificam e crescem aceleradamente, ao passo que nos períodos de paz podre se desintegram.

## em distribuição

'ACERCA DAS GREVES', de Lenine. (Cadernos Militantes, nº 1)

ABM



## Na imprensa comunista internacional

### "LUTA DE CLASSES" (NORUEGA)

A exploração da classe operária pela clique revisionista soviética

O 'Luta de Classe', órgão do Partido Comunista dos operários noruegueses (m-l), publicou no seu último número um artigo onde denunciava a exploração da classe operária soviética pelo social-imperialismo revisionista soviético.

A URSS tornou-se um país onde reina a ditadura da burguesia, lê-se no artigo. Hoje, a propriedade, quer ao nível de estado, quer das cooperativas, pertence à classe dominante burocrato-capitalista, que subiu ao poder após o golpe de estado de Krutchev. A classe operária já não decide qual a via a seguir no desenvolvimento da produção, sobre a qual já quase não tem nenhum direito. Segundo uma sondagem de opinião efectuada pelos revisionistas a 1000 metalúrgicos de uma empresa da Sibéria, com o fim de lhes perguntar se sabiam ou não que fazer para atingir as normas de produção, 70% dos operários deram uma resposta negativa; aliás, não se interessam por esse assunto, visto que a sua opinião não conta para nada. A classe operária está privada de todo o poder de controle dos meios de produção e excluída dos organismos que decidem a orientação. Excluída da gestão das empresas, posta de lado ou oprimida nas organizações do Partido e do Estado, a classe operária soviética perdeu a possibilidade de exercer a sua influência sobre a produção e o desenvolvimento social, já para não falar no seu papel de direcção.

As reformas económicas dos anos sessenta, acrescenta o artigo, colocaram os directores das empresas soviéticas numa posição semelhante à que hoje possuem os patrões das empresas ocidentais; actualmente os directores das empresas soviéticas dispõem dos produtos das suas empresas, definem a orientação da produção em função da caça ao lucro. É a eles que compete contratar ou despedir operários; fixam os seus salários e castigam-nos ar-

bitariamente. Tal como os capitalistas ocidentais, podem vender ou alugar os instrumentos de produção, as casas e as terras; é evidente que para eles a propriedade do estado é como se fosse sua. É essa classe exploradora a verdadeira detentora dos meios de produção na União Soviética. Presentemente a caça ao lucro tornou-se a força motora do sistema económico soviético; os operários são explorados por essa classe dominante que açambarca a mais valia produzida pela classe operária.

Refere-se no artigo citado como uma das consequências da restauração do capitalismo na União Soviética o aparecimento do desemprego. Uma revista soviética revela que o número de cidadãos soviéticos (incluindo as suas famílias) que procuram trabalho atinge em média os três milhões.

Conclui o artigo que na União Soviética o capitalismo foi restaurado, surgindo sob uma forma diferente daquela que existe vulgarmente nos países tradicionalmente capitalistas. A nova burguesia exerce o seu controle sobre os meios de produção graças ao poder de estado de que se assenhoreou, o que conduz a um capitalismo monopolista altamente concentrado. Todavia a classe dominante soviética está perante problemas insolúveis.

(Extraído do  
PEKIN INFORMATION nº 31 de 5/8/74)

### "ESTRELA DO POVO" (JAPÃO)

O terceiro mundo — força motora que faz avançar a história mundial

O 'Estrela do Povo', órgão do Comité Central do Partido Comunista japonês (de esquerda), num artigo publicado recentemente escreve que nos últimos tempos as lutas dos países do terceiro mundo mostraram uma forma clara que os países em vias de desenvolvimento constituem 'a força motora revolucionária que faz avançar a roda da história mundial, a força



principal contra o colonialismo, o imperialismo e, em particular, as superpotências'.

Lê-se no artigo: 'A luta levada a cabo pelos países do terceiro mundo para conquistar a independência nacional, salvaguardar a soberania do Estado, e desenvolver a economia nacional avança impetuosamente. Esta luta, conjugada com as lutas revolucionárias dos povos dos outros países do mundo, vai infligindo rudes golpes no imperialismo, sobretudo no imperialismo americano e no social-imperialismo soviético... Presentemente, é cada vez mais claro para os povos de todo o mundo que não é o terceiro mundo que depende do imperialismo, mas o contrário, como também não é o terceiro mundo que tem medo das superpotências, EUA e URSS, mas o inverso: — o terceiro mundo leva a melhor'.

O artigo mostra como a luta do povo cambojano sacudiu o domínio reaccionário da clique do traidor Lon Nol apoiado pelo imperialismo americano e o social-imperialismo soviético; esta é uma demonstração plena do grande espírito militante e do heroísmo dos povos do terceiro mundo.

O contra-ataque forte e resolutivo lançado pelo povo palestino e pelos outros povos árabes contra os agressores israelitas no decorrer da 4a. guerra no Médio-Oriente, diz a revista, pôs fim à situação

de 'nem guerra, nem paz' criada pelo imperialismo americano e pelo social-imperialismo soviético. Ao tomarem como arma o petróleo, os países árabes infligiram um rude golpe no sionismo israelita e no imperialismo, demonstrando amplamente o grande avanço da luta anti-imperialista dos países em vias de desenvolvimento e a força da sua luta comum. Esta luta galvanizou enormemente a vontade de combate dos povos do terceiro mundo.

A seguir o artigo aborda os êxitos obtidos recentemente pelos países do terceiro mundo na sessão extraordinária da assembleia geral da ONU dedicada ao problema das matérias primas e desenvolvimento. Por outro lado, recorda a luta contra a hegemonia das duas superpotências no domínio marítimo, verificada na 3a. conferência da ONU sobre o direito marítimo; a posição adoptada sobre as 200 milhas marítimas e submetida a discussão na referida conferência é um desafio lançado directamente pelos países do terceiro mundo contra a hegemonia americano-soviética, com o fim de proteger os seus recursos marítimos, de assegurar o desenvolvimento da sua economia nacional e de defender a sua independência e soberania como estados.

(Extraído de  
PEKIN INFORMATION n.º 30, de 29/7/74)

# LUTA COMUNISTA

órgão do C.a.r.p.(m-l)

comité de apoio à reconstrução do partido (marxista-leninista)

ABM





peitado do PCC e do grande povo chinês, como teórico admirável do marxismo-leninismo, que desenvolveu e enriqueceu de maneira criadora, como grande estratégia da Revolução e combatente inflexível contra o imperialismo e o revisionismo, pelo triunfo da Revolução, do Socialismo e do Comunismo.'

\* \* \*

O X Congresso põe em destaque este grande princípio marxista-leninista: 'No espaço de meio século o nosso Partido conheceu dez importantes lutas entre as duas linhas. O desmoroamento da clique antipartido de Lin Piao não significa o fim da luta entre as duas linhas no seio do Partido. Os nossos inimigos, no país e no estrangeiro, sabem todos que é do interior que as fortalezas se tomam mais facilmente. (...) Mesmo no futuro, quando as classes tiverem desaparecido, continuará a haver contradições entre a super-estrutura e a infra-estrutura económica, entre as relações de produção e as forças produtivas. Como reflexo destas contradições, existirá também a luta entre as duas linhas: a avançada e a arrasada, a justa e a errônea. De resto, a sociedade socialista estende-se por um período histórico bastante longo, e, sempre, no decurso deste período, as classes, as contradições de classes e a luta de classes continuam a existir, ao mesmo tempo que a luta entre a via socialista e a via capitalista, o perigo de uma restauração do capitalismo, a ameaça de subversão e de agressão, por parte do imperialismo e do social-imperialismo. Como reflexo destas contradições, a luta entre as duas linhas, no seio do Partido, prosseguirá durante muito tempo, produzir-se-á 10, 20, 30 vezes, surgirão ainda Lin Piao e indivíduos como Wang Ming, Liu Chao-chi, Peng Teh-huai e Kao Kang; é uma coisa que não depende da vontade do homem'. (Chou En-lai, no relatório ao X Congresso).

Levando às grandes massas de centenas de milhões de trabalhadores a cons-

ciência desta luta permanente entre as duas linhas, o Partido Comunista da China desencadeia uma tremenda força revolucionária que derruba todos os obstáculos e avança vitoriosamente na construção do socialismo e na marcha para o comunismo.

Apoiado nas máximas: 'praticar o marxismo e não o revisionismo', 'trabalhar pela unidade e não pela cisão', 'usar de franqueza e rectidão e não tramar conspirações nem intrigas', 'ir contra a corrente, se necessário for, na defesa do marxismo-leninismo', o povo chinês aborda novas etapas da revolução neste 25º aniversário do 1 de Outubro.

\* \* \*

Para nós, marxistas-leninistas portugueses, cuja tarefa consiste na reconstrução do nosso Partido Comunista, este princípio tem a máxima importância e torna-se a charneira de toda a nossa actividade.

A luta entre as duas linhas existe na corrente marxista-leninista portuguesa, existe dentro do nosso CARP (ML): é a luta entre as forças que trabalham pelo Partido e as forças que se lhe opõem.

A resposta às questões: quem está dentro e quem está fora da corrente marxista-leninista, que vias seguir para a reconstrução do Partido, que forças devem ser unidas, que forças devem ser isoladas — encontrá-la-emos se ganharmos uma consciência mais clara desta luta entre as duas linhas, em todas as suas manifestações.

Ao passar o 25º aniversário da grande revolução chinesa, os marxistas-leninistas portugueses devem intensificar o estudo das suas lições e reforçar a sua decisão de lutar com todas as forças pelo triunfo da linha proletária revolucionária, que é neste momento reconstruir o Partido Comunista de Portugal.

Viva o 25º aniversário da República  
Popular da China!

Viva o grande e justo Partido Comunista  
da China!

Viva o camarada Mao Tsé-tung!

O MARXISMO-LENINISMO VENCERÁ!

ABM



# REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

## 25 anos de triunfo constante da linha proletária sobre a linha burguesa



O dia 1 de Outubro é uma data gloriosa para o Povo Chinês; é a data da vitória da Revolução, o dia em que várias centenas de milhões de trabalhadores tomaram em mãos a condução do seu próprio destino; marco de viragem da velha China politicamente oprimida e economicamente explorada para a nova China politicamente livre e economicamente próspera.

25 anos são passados sobre a proclamação em Pequim, pelo presidente Mao Tsé-tung, da República Popular da China: 25 anos em que o povo chinês guiado pelo seu Partido Comunista, aplicando os ensinamentos do presidente Mao, conquistou grandes vitórias na edificação do Socialismo, na consolidação da ditadura do proletariado, na senda do triunfo constante do Socialismo sobre o Capitalismo.

O significado político destas grandiosas vitórias é bem expresso na mensagem do camarada Enver Hoxha ao C.C. do P.C.C. por ocasião do X congresso: 'A

fidelidade ilimitada do Partido Comunista e da República Popular da China ao marxismo-leninismo e ao Internacjonalismo Proletário, a luta ininterrupta e inflexível que conduziram e conduzem contra o Imperialismo e o revisionismo moderno, o apoio decidido que dão às lutas revolucionárias e de libertação em todos os continentes, constituem um factor importante na situação internacional actual e um encorajamento potente para todos os revolucionários e pessoas amantes da liberdade em todo o mundo.

'As brilhantes vitórias alcançadas pelo povo irmão da China sob a direcção do Partido Comunista da China, na revolução, na edificação socialista e no plano internacional, são a encarnação viva da justa linha marxista-leninista do grande dirigente revolucionário que é o camarada Mao. No mundo inteiro levanta-se a poderosa figura de Mao Tsé-Tung, como dirigente experimentado e educador res